

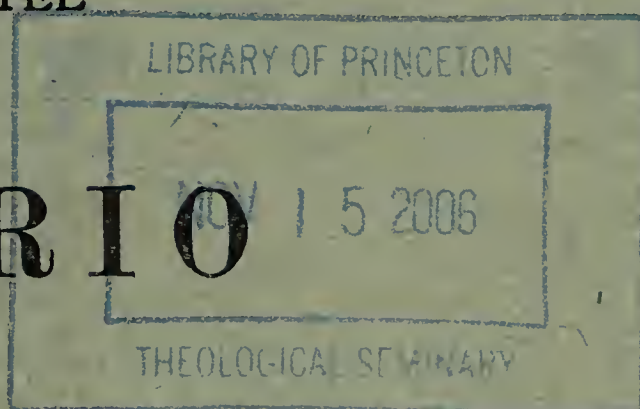
Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO



O Espiritismo nas Igrejas

A Vidente de Prevorst

O Consolador

Trinta Anos Entre os Mortos

Credo Espírita

Uma Quinta Coluna Dentro do Es-
piritismo

Pontos de Vista

Fenômenos de Materialização

Cinzas do meu Cinzeiro

Crônica Estrangeira

Espiritismo no Brasil

Redação

Francisco Klörs Werneck

Arnaldo S. Thiago

Francisco Klörs Werneck

Spártaco Banal

Pereira Guedes

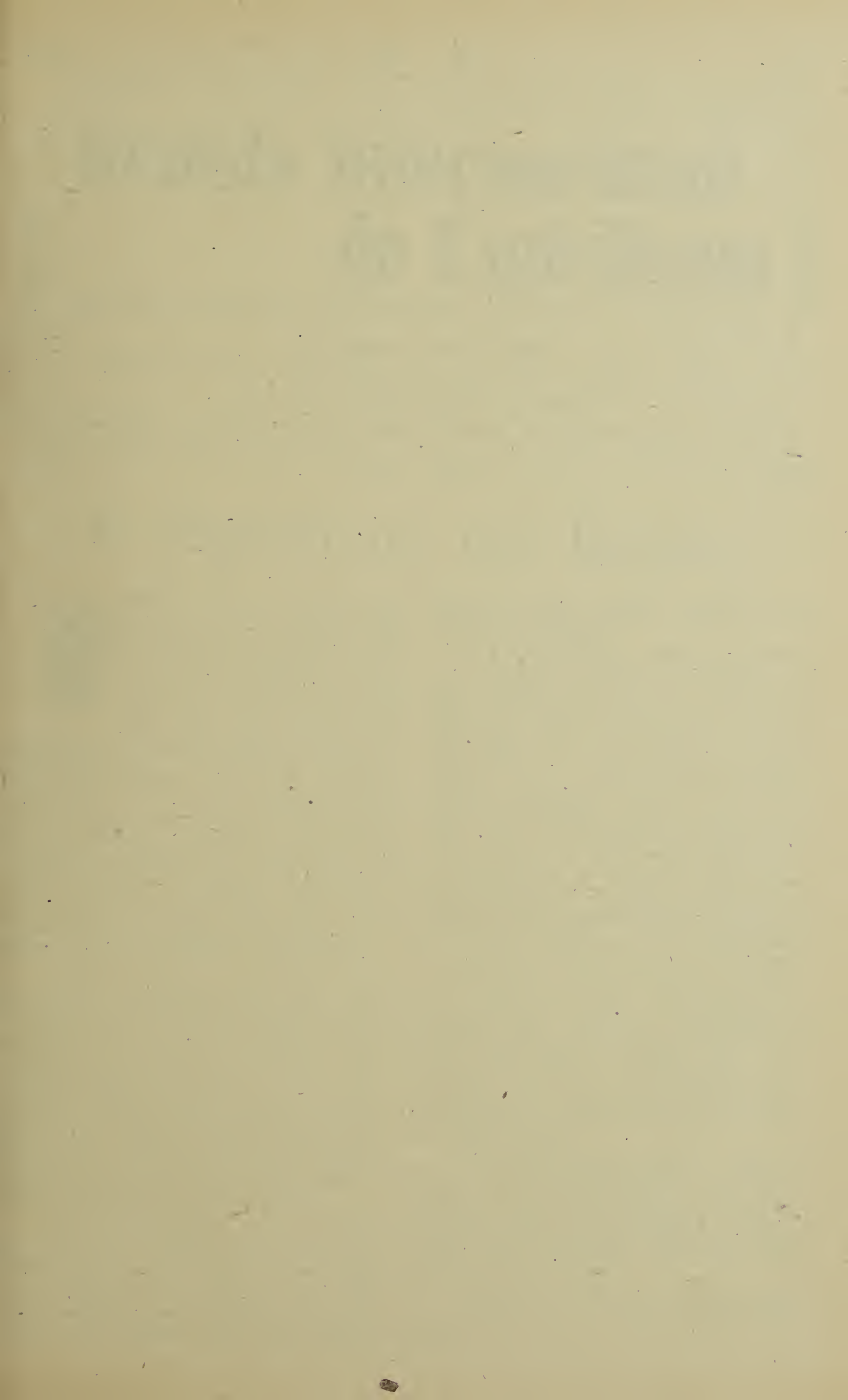
Leopoldo Machado

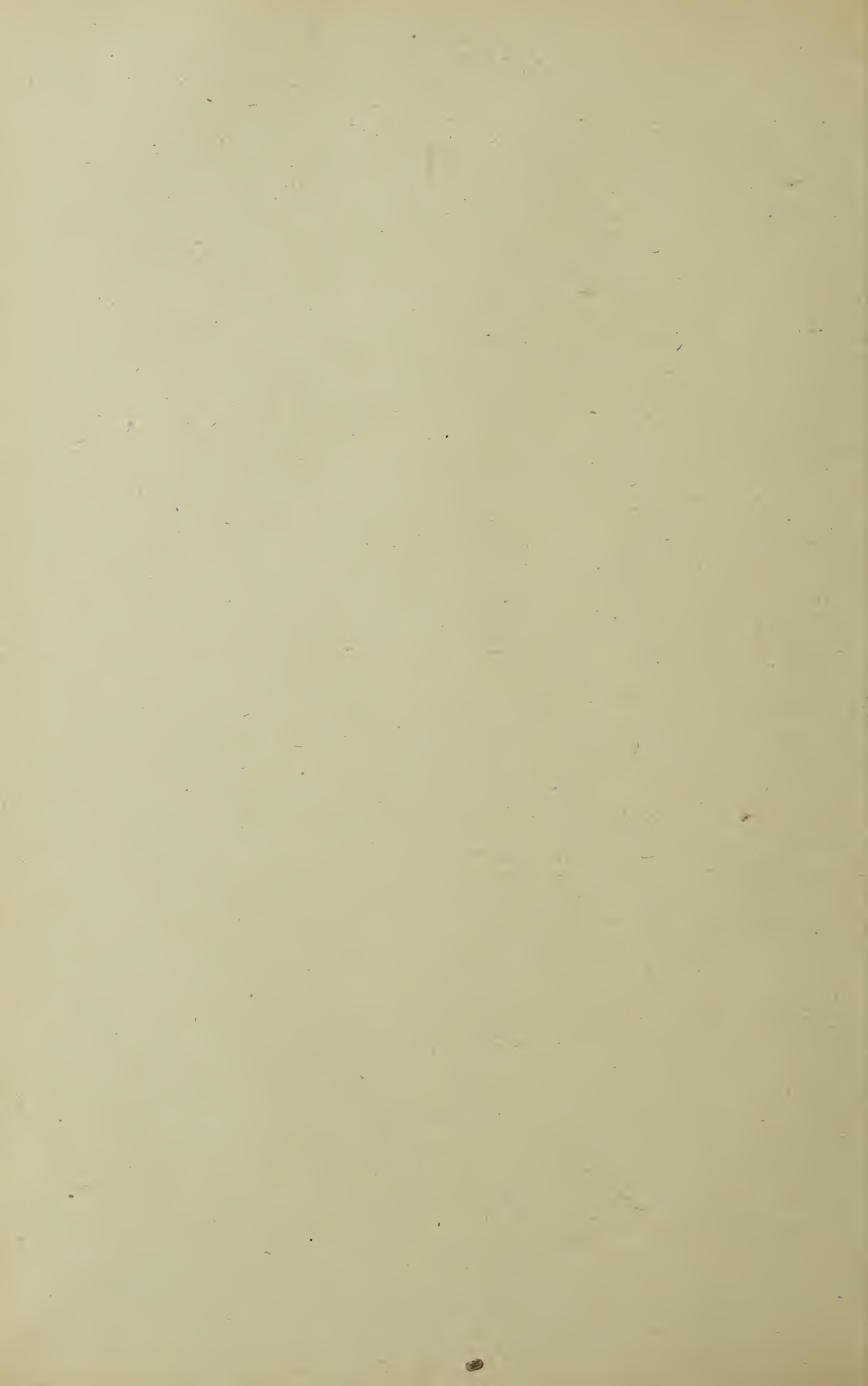
Amadeu Santos

M. Quintão

Redação

Redação





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo nas Igrejas



OMO o sol, a Verdade projeta-se em toda a parte onde exista uma creatura que lhe sirva de instrumento. Ninguém neste mundo, por mais poderoso e sábio que se julgue, será capaz de esconder ou alterar a Verdade indefinidamente, assim como ninguém será capaz de deter ou alterar a luz do sol. Quando escondida ou alterada pela má-fé de creaturas que se movimentam ao impulso de bastardos interesses, valendo-se da ignorância dos seus semelhantes, a Verdade reaparece subitamente, e com tal fôrça, que até os seus próprios detratores, pegados de surpresa, vêm-se obrigados a proclamá-la.

Ninguém ignora a campanha movida contra o Espiritismo pelo clero romano, que, na sua declarada má-fé contra a Verdade, com o objetivo imediato de defender os seus dogmas, que tolhem o exercício da razão, tornando as creaturas fanáticas e supersticiosas em vez de esclarecer-lhes o entendimento, afirma que o Espiritismo é fábrica de loucos e que os espíritos que se manifestam nas sessões espíritas não passam de demônios.

Mas o Espiritismo, que é a Verdade, porque é o Paraclito da Promessa de Jesus, entra em toda a parte e faz valer o seu poder através dos próprios detratores, porque a mediunidade não é privilégio de ninguém, está com todas as

creaturas, sejam espíritas, católicas, protestantes ou ateístas.

Se o Espiritismo entra em toda a parte através dos médiuns, é lógico que entre também nas igrejas. E' o que se verificou em Caxias, de acordo com uma reportagem de «O Imparcial», o jornal mais antigo e de maior circulação do Maranhão, em sua edição de 18 de Março último, reportagem essa que, com a devida vênia, transcrevemos abaixo, visto achar-se envolvido no caso, o que é muito significativo, D. Marelim, bispo de Caxias. Tratando-se de uma autoridade eclesiástica, as suas palavras devem calar fundo nas suas ovelhas, muito embora o bispo procure esconder o nome da vidente.

O anjo e a Nossa Senhora das Graças, citados pelo bispo são espíritos que tomaram êsse nome para mostrarem ao bispo e aos demais da igreja, que a comunicação entre os desencarnados e incarnados, sustentada e provada pela doutrina espírita, é um facto que se positiva em toda a parte.

O Espiritismo faz sentir o peso da Verdade nas próprias igrejas, que começam a ver a derrocada dos seus dogmas e cultos externos em benefício da humanidade espiritualmente escravizada pelas religiões dos homens.

Passamos a transcrever a reportagem em apreço com os seus título e subtítulo:

«Confirmadas pelo sr. Agnelo Costa as declarações de D. Marelim sôbre a aparição de Anjos e Santos em Caxias

VIU TAMBÉM NUMA GARRAFA O QUADRO DE N. S. DAS GRAÇAS—OUTRAS NOTAS

Com referência aos acontecimentos de Caxias, no curso dos quais um anjo aparece para d. Luiz Marelim, bispo da Princêsa do Sertão, resolvemos ouvir o sr. Agnelo Costa Soares, agente da NAB em nosso Estado.

Tendo estado recentemente em Caxias, onde fizera cuidadosas observações e testemunhára alguns factos cheios de um maravilhoso sem par, estreitamente ligados ás aparições do anjo, o sr. Agnelo Costa Soares era o homem naturalmente indicado para satisfazer a curiosidade pública através de uma entrevista aos «Diários Associados».

Perfil de D. Marelim

Encontramo-lo num dos corredores do Palácio do Comercio, minutos antes de uma reunião na Associação Comercial, da qual ia participar.

Prontificando-se a conceder a entrevista solicitada, começou o sr. Agnelo Costa Soares:

— Estive em Caxias, realmente. Essas ocorrências todas são confirmadas, categoricamente, pelo bispo do lugar, dom Luiz Marelim. Conheci-o ainda como padre, aquí em São Luiz. Êle merece a maior confiança possível, como sacerdote e como homem. E' de character imaleavel e, sobretudo, muito culto e sensato.

Conversaram 3 horas

— Tendo eu de fazer uma viagem a Caxias, acompanhado de minha senhora, aproveitei a oportuna para fazer sindicâncias em torno daqueles acontecimentos. Apesar de ser católico, eu ouvia comentários desfavoráveis sôbre tudo aquilo. Como estivesse em jôgo a pessoa de dom Luiz Marelim, queria certificar-me do que ocorria em Caxias. Fui aonde o bispo estava, em companhia de minha senhora, e tivemos a entrevista que duraram 3 horas.

Tal qual era

— Fiz isso para observar a situação e para ver si o bispo estaria ou não perturbado por qualquer coisa. Falei-lhe, primeiro, sôbre coisas do passado, tratando de assuntos anteriores aos acontecimentos. Não notei, felizmente, nenhuma anormalidade em dom Marelim. Nada, nêle, se modificára, nem o modo de falar, nem a sua conduta para comigo. Revelou a máxima serenidade e precisão. E, ao mesmo tempo que conversava, atendia a fieis que levavam garrafas para água benta, trabalhadores do Paço Episcopal e outras pessoas que o procuravam. Atendia a todas com a mesma naturalidade de antigamente.

Confirmadas pelo Bispo

— Depois, tocámos no assunto. Dom Marelim confirmou tudo que o «Cruzeiro», periódico da imprensa caxiense, tem publicado a respeito. Narrou tudo, com os maiores detalhes, porque êle afirma, categoricamente, que as aparições existem. Dom Marelim confirma-as com tanta sinceridade e expressão que a gente não o póde contradizer, porque não tem elementos para isso. Não há dúvida, absolutamente, porque êle fala como si fôsse a pessoa vidente.

Misteriosa Vidente

— Diz Dom Marelim que ha uma vidente no caso, mas êle não diz quem é. Não admite que se a identifique. Recomenda, mesmo, que se não procure identificá-la. Disse-me mais, que tudo quanto êle faz é por determinação de um anjo.

A mais expressiva

— Houve, na 3.^a feira de Carnaval, em Caxias, uma aparição que, segundo diz dom Marelim, foi mais expressiva ainda que as anteriores. Haviam, ao mesmo tempo, aparecido o anjo em aprêço e Nossa Senhora das Graças. Disse o bispo, que o anjo fôra visto pela vidente, enquanto que Nossa Senhora das Graças apenas fôra ouvida por aquela mesma vidente. Uma testemunha que o bispo não revelou quem fôsse, estaria por trás do altar, observando, e ouvira tudo o que se passára entre o anjo e a vidente. Aquela mesma testemunha, segundo me disse o bispo, vira, ao mesmo tempo, através de

um jarro que orna o altar, a sombra do anjo projetada no vaso. Essa declaração peremptoria é dêle.

Outras aparições

— Por outro lado houve outras aparições de santos em garrafas d'água. Procurei justamente examinar esses casos em todos os seus detalhes. Eu vi, minha senhora viu e muitas pessoas também viram. Vi um quadro numa garrafa. No centro da garrafa aparecia um como nimbus, de nuvem escura, com tonalidades mais claras. No centro do nimbus, havia uma figura de Nossa Senhora das Graças, destacando-se-lhe bem o rosto, o manto azul e o hábito branco. Olhos, nariz, boca, tudo perfeito! Em volta, aos pés da imagem, 7 figuras de anjos. Os anjos usavam cabelo aparado, faces coradas e hábitos brancos.

Impressa na mão

— Não satisfeita com o que via, minha senhora afastou a garrafa que nos fôra mostrada e pôs a mão por trás desta. O quadro que havia na garrafa foi então visto como que impresso na mão de minha senhora! Depois, saímos. Fomos ver noutras casas. Ainda vimos, em duas casas, mais outros santos. Não por sugestão. Aquilo, para nós, não era sugestão, porque estávamos com o intuito de observação. Daí ficarmos estupefatos com o que vimos.

Deixarão de se verificar

— Quanto a essas aparições, informou-me dom Marelím que elas haviam sido anunciadas pelo anjo. Acrescentou

que elas só se verificariam até o dia 15 de Março corrente. Do dia 15 em diante, conforme expressou dom Marelím, quem quer que fôsse poderia mirar até com binóculo, que não encheria mais coisa alguma.

Cura prometida

— Dom Marelím prometeu realizar a cura de um menino cego, inteiramente cego, e que tem os olhos fóra das orbitas. Garantiu-nos dom Marelím que o menino vai ser curado, como prova do poder de Nossa Senhora das Graças e como resposta aos protestantes que criticam os acontecimentos.

Terço, aos sábados

— Todo sabado, dom Marelím reza o terço em público, frente a Catedral. Toda a população católica da cidade afluí ao local. Verdadeira multidão, verdadeira massa humana, ali se põe, contrita, rezando e ouvindo pregação. Dom Marelím narra, então, aos fiéis, as ocorrências da semana, tanto das aparições, como dos milagres que lhe foram comunicados.

Precauções

— Têm-se dado alguns milagres dignos de nota. Mas, isso, segundo acho, compete à reportagem. Que ela syndique junto ao bispo, porque só êle é autorizado a falar sobre o assunto. Eu, si fizer qualquer menção, poderei ser tratado como fanático, pelo facto de ser católico. Concedo esta entrevista, apenas para atender à distinção do vespertino associado. Apenas por isso é que dou essas informações do que vi e ouvi. Convém que o reporter vá lá e traga mais elementos».

Os fenômenos espíritas têm se verificado em todas as épocas da humanidade e o seu objetivo principal e immediato é dar testemunho da imortalidade da alma, afim de que as creaturas tenham fé e esperança para prosseguirem na interminável senda da vida em busca da suprema felicidade pelo seu aperfeiçoamento moral e espiritual.

Aqueles que negam a realidade dos fenômenos espíritas, tidos como supranormais, ou os procuram esconder do conhecimento dos seus semelhantes, movidos por interesses inconfessáveis, conspiram contra a Verdade, porém, mais hoje ou mais amanhã, terão que se retratar, porque os espíritos encarregados da espiritualização da humanidade não se deixam levar de respeitos humanos, tanto mais que a sua missão é colocar a Verdade no velador das consciências.

Eis a razão por que os espíritos, através da mediunidade, que não é privilégio de ninguém, fazem os próprios detratores da Doutrina espírita proclamarem, embora contra gosto, a realidade dos fenômenos espíritas.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XIX

Opinião da Vidente sôbre os diversos graus do magnetismo

O estado magnético da Sra. Hauffe pode ser dividido em quatro graus:

1.º — Aquele em que estava habitualmente mergulhada e durante o qual parecia desperta, embora não estivesse, pois, ao contrário, se achava no primeiro período de sua vida interna. Ela dizia que muitas pessoas se encontravam em tal estado, sem que se suspeitasse disso e sem que elas mesmas dele tivessem consciência.

2.º — Sonho magnético; ela acreditava que muitas pessoas, consideradas loucas, estavam simplesmente nesse estado.

3.º — Estado de meio sono, que se manifestava especialmente pela faculdade de escrever e de falar a língua interior e em que se encontrava ela às vezes. Dizia que falava essa língua quando o espírito estava em íntima união com a sua alma.

4.º — Sonambulismo completo, durante o qual era clarividente e fazia as suas prescrições.

Entre o 3.º e 4.º graus, porém, parece-me evidente que ha ainda um estado intermediário: o cataléptico, durante o qual, ela fica rígida e fria. Ela dizia que, em seu estado de sonambulismo, não pensava senão com o cerebêlo, pois não sentia o seu cérebro, que estava adormecido. Em tal estado ela pensava antes com o seu espírito. Seus pensamentos eram mais claros e o seu espírito tinha mais poder sôbre ela do que em seu estado de vigília.

No sonambulismo completo, o espírito dominava. Quando era perfeitamente clarividente, dizia que os pensamentos vinham exclusivamente do espírito e da região epigástrica.

«No nosso estado de vigília natural, sentimos pouco ou nada o nosso espírito, mas o homem chamado a viver

neste mundo deve ser governado pela alma. Se o espírito tivesse ampla liberdade, que seria deste mundo? Ele pode penetrar nas regiões superiores e o homem não deve conhecer o futuro».

E' assim que ela falava no seu estado de sonambulismo.

Disse ela certo dia: «Sinto a alma nos nervos e a sinto bem claramente, mas é preciso que eu saiba, com certeza, se a alma age sómente sôbre os nervos e o que acontece a êstes depois da morte.» Depois de haver refletido mais profundamente dentro de si mesma, acrescentou: «A alma continua a viver com o espírito e cria em tôrno dele nma fôrma etérea.»

Ela dizia que o sonho magnético tinha alguma semelhança com o estado de sonambulismo e um pouco de sua natureza, mas vinha sobretudo do cérebro. Quando saía dêsse estado, recordava-se do que sonhára. Ela então falava dele e contava o seu sonho, tal como se produzira em seu cérebro, traduzindo-as às vezes em versos e doutras de forma dramática. Distinguia êsses sonhos dos do sono natural, em que eram mais regulares e mais claros. Não se podia despertá-la deles, mas se vinham a ser interrompidos naturalmente, continuavam na noite seguinte, no ponto exato em que tinham parado.

A Sra. Hauffe dizia que o estado sonambúlico é a vida e o ato do homem interior e contém em si mesmo a prova da vida futura e da nova união após a morte. E' a atividade interna do homem, que dormita nos *sujets* no estado normal e que está inteiramente desperto naqueles cuja vida se acha inteiramente confinada no cérebro que, sendo inconsciênte de sua existência simpática, não ouve jamais essa voz. Entretanto, se o homem refletisse bem, ele verificaria que está ali o seu verdadeiro guia. O sonambulismo provocado pelos passes magnéticos é um remédio seguro, porque, na clarividência, o *homem interior* sai e examina tudo que o

cerca, fenômeno que não se produz no sono normal nem no sonho. A clarividência é o mais perfeito estado de vigília, pois que então o sêr espiritual interno se acha desprendido e livre dos laços do corpo. Denominaria de boa vontade o sonambulismo de *exteriorização do homem interno* ou *desdobramento espiritual do homem*. Em tais momentos está o espírito inteiramente livre e é capaz de se libertar da alma e do corpo para ir onde quiser, com a rapidez do relâmpago. O sonâmbulo é então incapaz de qualquer ação má; mesmo quando a sua alma é impura, não pode nem mentir nem enganar. É o que eu chamarei de terceiro grau da clarividência. No segundo grau, que é inferior, a alma e o espírito estão ainda unidos e o espírito não está só, como no precedente. Há ainda um grau inferior, no qual a alma fica unida ao espírito e, como a alma não é inteiramente pura, a visão fica imperfeita. O grau mais

fraco de todos deve ser considerado como um estado de excitação do sistema nervoso e é encontrado no curso da vida comum. Ele recorda essas faculdades proféticas de que alguns homens são certamente dotados, mas, no caso de sonambulismo, essas faculdades são mais desenvolvidas e mais regulares.

No estado normal a alma habita sobretudo o cérebro, e o espírito a região epigástrica. No estado magnético, a alma se aproxima mais ou menos da sede do espírito. Naqueles que não vivem senão a vida externa, a alma domina e não se atinge o mais alto grau de perfeição espiritual senão quando o espírito chegar a se libertar completamente da alma.

É preciso não perder de vista que ha enorme diferença entre êsse estado de desprendimento do espírito no sonambulismo e a sua partida por ocasião da morte.

O Consolador

Seu programa, seu plano de ação



E há uma Doutrina que deva ter (e ninguém deixará de reconhecer-lhe essa necessidade), um plano de ação, um programa firmemente estabelecido, certamente será o ESPIRITISMO.

Importa-nos simplesmente indagar qual seja êsse plano de ação, em que termos deva ser vasado êsse programa?

Seria absurdo pretendermos entrar em divagações pessoais sôbre assunto de tanta relevância, de tão capital importância para o encaminhamento do curso doutrinário do Espiritismo, deixando de lado o que tenha sido, a respeito, previsto pelo mais autorizado intérprete da nossa Doutrina, que é sem duvida o próprio Codificador: Allan Kardec—«o bom senso incarnado».

Ora, o Codificador assim se externa em uma das obras fundamentais do Espiritismo, exatamente aquela que nos pode guiar neste caminho, porquanto é a que trata do problema em fóco, de uma forma essencial, concludente: «O PORVIR E O NADA». Nós vivemos,

pensamos e operamos, eis o que é positivo; e que morremos não é menos certo.

Mas, deixando a terra, para onde vamos? Após a morte o que seremos? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? *Ser ou não ser*, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada! Viveremos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese essa, que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei ao moribundo que êle viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura tenha sido, e o seu coração rejubilará». (1)

Assim inicia Allan Kardec o parágrafo primeiro dêsse interessante capítulo com que abre o «O CÉU E O INFERNNO». Nêle se estabelece a premissa básica do grande silogismo da imortalidade: O coração do homem se rejubilará, se

(1) «O Céu e o Inferno».

lhe disserdes que será mais feliz do que porventura tenha sido.

A segunda premissa está no parágrafo seguinte do mesmo capítulo:

«Pela crença em o nada, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente. Logicamente não se explica a preocupação de um futuro que se não espera».

O parágrafo terceiro corrobora, fortalece a conclusão lógica do antecedente, esclarecendo que «se a religião se mostra impotente para domar a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa na luta. Se por outro lado a religião se condenasse à imobilidade, estaria, em dado tempo, dissolvida. O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crêr, é, sem dúvida, a sanção de suas doutrinas por factos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da ciência».

Ora, «é nestas circunstâncias — raciocina o Codificador no parágrafo quarto — que o Espiritismo vem opôr um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos factos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura».

Logo, concluimos harmonicamente com o pensamento do Codificador, se «tôdas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: êstes, assás materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores» (Parágrafo antepenúltimo do citado capítulo), o programa, o plano de ação do Espiritismo será educar-nos definitivamente para a compreensão das coisas puramente espirituais, afim de que, a exemplo do sucedido aos primeiros discípulos, se o Cristo ressurgiu da carne (aparente ou real) para a imortalidade do Espírito, com Êle ressurjamos nós, afim de que, onde o Pastor estiver, estejam as suas ovelhas, conforme o desejo expresso pelo mesmo Jesus.

Outro não poderá ser, portanto, êsse magnífico programa, êsse alcançado plano de ação do Espiritismo, senão o de libertar-nos de todas as preocupações materiais, de desligar-nos completamente do domínio dos sentidos, sempre enganosos e falhos, para comunicar-nos o influxo ele-

vado e sublime das cousas do espírito, fazendo-nos viver a vida do Espírito, na grandeza dos nossos ideais, das nossas mais sedutoras emoções, exercendo o trabalho fecundo e nobilitante de comunicar, pelo exemplo de uma vida cheia de beleza moral e de alcançados objetivos espirituais, êsse mesmo divino influxo, que tenhamos haurido nos exemplos puríssimos e nos puríssimos ensinamentos de Jesus, a todos aqueles de quem nos aproximarmos: quando mais não seja, pelo menos aos do círculo mais próximo em que nos movemos: o da família que nos permitiu o Pai Celestial constituir neste mundo de expiações e de provas.

* * *

Que diremos, então, das obras humanas de assistência e de amparo, realizadas pelos espíritas?

Que constituem elas uma prática excelente dos princípios superiores de moral evangélica, inspirados naturalmente, pelo Espiritismo, a todos quantos lhe tenham compreendido os sagrados delineamentos religiosos. «Pelos frutos se conhece a árvore»: Toda a árvore boa dá bom fruto — e outros não podem ser senão os da caridade, os produzidos pelo Consolador.

Se tivermos, porém, em consideração as sábias advertências do apóstolo dos gentios, aquele que melhor soube compreender o espírito do Cristianismo, fácil nos será perceber que tôdas essas organizações humanas, que aliás não constituem inovação do Espiritismo, porquanto já existiam, anteriormente ao aparecimento da Doutrina, escolas, abrigos, creches, asilos — tudo, enfim, que constitui obra de assistência social; se tivermos em consideração, dizíamos, aquelas sábias advertências, fácil nos será perceber que tôdas essas organizações humanas formam um sistema de ordem meramente social, adstritas a determinado estágio da evolução humana, tendentes a desaparecer com a reforma dos costumes, com a ampliação dos grupos humanos que puderem ir sendo organizados, sob os moldes do Evangelho, não podendo constituir matéria de programa básico, de plano de ação essencial do Espiritismo.

Visa esta Doutrina à espiritualização do homem, gradativamente conquistada através da austeridade moral, da com-

postura mental, decorrentes da séria convicção de que infinitamente limitadas são as nossas percepções materiais, de que restritíssimas são as nossas satisfações sensoriais, de que absolutamente ilusórias são tôdas as nossas perspectivas de estabilidade humana, de que fútil é todo o nosso juízo a respeito da gravidade ou da respeitabilidade das conveções dos homens sôbre interêsses méramente humanos. Tudo isso passa rapidamente, levado pelas ondas sucessivas do infinito oceano do tempo! não nos deve merecer mais do que um olhar de piedade! Destroços, que flutuam um momento sôbre a superfície revolta do enfurecido oceano das paixões, de tristes castelos engendrados pelas nossas tendências ainda não totalmente vencidas, (e por vezes, nem no início de serem combatidas) no viver transitório de acôrdo com as inferiores sensações da carnalidade que nos reveste a alma!

O programa, o plano de ação do Espiritismo é única e exclusivamente restituir-nos toda a pujança da vida espiritual, substituir totalmente os instintos carnis pelas sublimadas volições do sentimento: fazer-nos exhaurir o mais rapidamente possível todas as forças de coesão do nosso continente pessoal, de estrutura material, de modo que o divino conteúdo da nossa imortal personalidade se sublime, se eleve, se alcandore e recobre a afinidade com Deus, em cujo seio teremos de imergir completamente puros, como Jesus, para a ressurreição do Espírito, adstrito, desde então, completamente, ao trabalho fecundo do Amor, segundo o espírito de Deus, revelado nos exemplos e nas lições do seu Ungido celeste.

Nosso programa, nosso plano de ação outro não pôde ser, portanto, senão o da caridade.

Ora, S. Paulo, o divino converso de Damasco, aquêle a quem o Cristo *forçou* a reabilitar-se (e portanto também pôde forçar-nos, quando o tempo chegar dessa conquista suprema para o nosso espírito), deixou patente em uma de suas epístolas aos Coríntios (2) «que ainda somos carnis; pois, *havendo* entre nós inveja, contendas e dissensões, não somos porventura carnis, e não andamos segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo (ou de Kardec); e outro: Eu de

Apolos (ou de Roustaing); porventura não somos carnis? Pois quem é Paulo (ou Kardec), e quem é Apolos (ou Roustaing), senão ministros pelos quais crêstes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei: Apolos regou (ou Kardec plantou; Roustaing regou); mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento».

Educar, segundo o espírito do Cristo, de que se acham os Evangelhos saturados, eis o programa, o plano de ação do Espiritismo. Esse o nosso primordial dever de caridade, sob cujo influxo as nossas obras serão abençoadas de Deus. Essa divina caridade revela-se nas atitudes nossas para com os nossos semelhantes, mas de uma forma que sômente a própria consciência o avalia, pois que mesmo que «tivéssemos o *dom* da profecia e conhecêssemos todos os mistérios e tôda a ciência, e ainda que tivéssemos tôda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivéssemos caridade, nada seríamos. E ainda que distribuíssemos tôda a nossa fortuna para sustento *dos pobres*, e ainda que entregássemos o nosso corpo para ser queimado, e não tivéssemos caridade, nada nos aproveitaria» — assim o predicou o mesmo Paulo, em Coríntios, XIII, 2 a 3.

Não bastam obras: é necessário que estas sejam fruto de árvore boa, e quem não é fraterno para com os da família, quem se revela estranho, como se fôsse apenas homem do mundo, para com os seus confrades, não está possuído dêsse espírito de caridade, e se faz as obras, estas mais dia menos dia revelarão o estigma da sua concepção inicial.

O programa, o plano de ação do Espiritismo é, única e exclusivamente, a reforma do nosso velho caracter de indiferentes uns pelos outros, velho estigma do mundo materialista, para que nos tornemos fraternos, admoestando-nos com espírito de caridade, suportando-nos com espírito de caridade, mas sem hediondos separativismos, aberrantes do espírito do Evangelho.

(Resumo de conferência pronunciada em 29 de Janeiro de 1949, no Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo», de Florianópolis, pelo irmão Arnaldo S. Thiago).

(2) I, *Aos Coríntios*, III - 3 a 7.

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd.—E' provável que deixastes o vosso corpo na ocasião de que falais e que sois um espírito ainda não consciente de vossa situação.

Esp.—Quer dizer que eu não sei nada?

Méd.—Qualquer que seja a vossa situação, fostes trazido hoje aqui para serdes doutrinado. Somos investigadores dos fenômenos psíquicos e da obsessão espiritual. A's vezes espíritos se apoderam dos corpos de certas pessoas e as obrigam a fazer coisas estranhas.

Fostes atraído para aqui e estais usando um corpo que pertence à minha esposa, mas só temporariamente. Não vos vemos; apenas vos ouvimos falar.

Esp.—Quereis dizer então que sou mulher?

Méd.—Minha esposa é dotada de faculdades que permitem os espíritos usar temporariamente o seu corpo. Já ouvistes falar nos médiuns?

Esp.—Sim. Já procurei médiuns para ler a minha sorte. Deveis saber que êles só dão incorporação a índios.

Méd.—Os índios são excelentes «guarda-portas». São bons profetas dos médiuns.

Esp.—Porque vim aqui ter?

Méd.—Para serdes doutrinado. Andastes agindo inconscientemente errado. Estais agora em Los Angeles, California.

Esp.—Sei que estive em San Francisco certa vez. Há muito que não vou ali. Foi em 1894.

Méd.—Provavelmente fizestes com que um jovem deixasse o seu lar e os seus pais, sem motivo aparente, e se engajasse como marinheiro na Armada.

Esp.—Ele não tinha necessidade de fazer aquilo.

Méd.—Ele estava interessado em outro serviço. Foi desencaminhado e se alistou na Armada. Está agora em San Francisco. E' evidente que há al-

gum espírito influenciando-o e supponho que sois vós.

Esp.—Por amor de Deus, eu não faria tal coisa! Acordei certa manhã e vi que estava em terra por qualquer motivo, e quis voltar para o mar.

Méd.—Estáveis errando e entrastes em contacto com aquele moço, que é sensível à influência espiritual. Ele estudava muito e se tornou sensitivo, quando então penetrastes na sua aura magnética, agistes sobre êle e o levastes a fazer coisas que êle não queria. Enganjastes-vos recentemente para navegar?

Esp.—Parece que despertei certa manhã com vontade de voltar para o mar.

Méd.—Verificastes bem o que se passava convosco?

Esp.—Sentia algo de estranho. De certo modo, estava num estado sonolento. Ora, eu não ia fazer nenhuma tolice.

Méd.—Comprendemos vossa posição e sabemos que sois uma boa pessoa. Não vos censuramos.

Esp.—Quem é aquele rapaz?

Méd.—Seu nome é B.; é um rapazinho de 17 anos.

Esp.—Ele declarou que tinha 21, ou então não teria conseguido.

Méd.—Ele é desenvolvido e parece mais velho que o é. Concentramo-nos em beneficio dêle e parece que vos puxamos para a praia.

Esp.—Bem que eu senti que me puxavam e que estava sendo arrastado para a água. Lembro-me agora: estávamos em New York ou em qualquer lugar perto dali, e estava ventando e nevando terrivelmente. Estava fazendo qualquer coisa e caí no mar. Havia gelo ao meu redor; depois não soube de mais nada. Como foi então que dominei o tal rapaz?

Méd.—Penetrastes na aura magnética dele.

Esp.—Oh, aí vem minha mãe! Há quanto tempo que não a vejo. Ela faleceu em New York; diz: «Oh,

John, há tanto tempo que ando à sua procura». Não compreendo isso. Se eu estava morto, porque não fui ao encontro dela?

Méd.—Muitos espíritos ficam mergulhados em sono e assim permanecem durante certo tempo.

Esp.—Oh, então eu estava no Devachan. Estava dormindo para depois reincarnar.

Méd.—Agora deveis ir com a vossa mãe. Ela vos levará para o seu lar.

Esp.—Irei para a casa de minha mãe e do meu pai, meu velho pai.

Méd. Terá êle agora compreendido estas coisas?

Esp.—Mamãe diz que sim, mas que também esteve algum tempo com êle. Ele queria ver o Salvador. Eu nunca acreditei nessa história. Sempre quis, mas não o consegui. Pensei que a Teosofia era melhor, porque não explora a tal questão do sangue do Cristo. Não creio que uma pessoa vá morrer por causa de outras.

Se fiz alguma coisa de errado, porque não deveria eu sofrer? Deus é amor e Ele não quereria que alguém morresse para salvar outro. Que coisas mais tolas! Os igrejeiros não toleram os judeus, e no entanto, Jesus era judeu.

Méd.—Bem, mas agora deveis ir com o vosso pai e a vossa mãe.

Esp.—Estou numa bela companhia e esta foi uma noite ótima. Sinto-me muito bem. Conversei com gente amável e tive umas horas agradáveis. Dizeis que não podeis ver êstes outros aquí, mas êles são poucos. Agora diz minha mãe, minha querida mãesinha, que eu devo ir. Há muito que ela não tem o seu filho consigo. Temos muito que conversar. Disse-vos que minha mãe era muito boa, e é verdade. Devo dizer adeus a todos. (Procurando levantar-se, sem o conseguir). Que é que há com as minhas pernas? Não posso manter-me nelas.

Méd.—E' que estais apenas usando a parte superior do corpo.

Esp.—Então só sou meio homem! (Rindo gostosamente). Mal, mal. Meio

mulher, meio marinheiro! Bem, mas agora eu devo ir com minha querida mãesinha.

Méd.—Deveis agora pensar, usar o pensamento.

Esp.—Pensar! Como se eu não andasse a pensar antes. (Rindo). Desculpai-me, mas tudo parece uma brincadeira.

Méd.—E' verdade, deveis viajar pelo pensamento.

Esp.—Não pelas minhas pernas? Não terei mais necessidade de minhas pernas? Já não as tenho? Sabeis que sou apenas meio homem.

Méd.—Pensais que estais com a vossa mãe e com ela estareis.

Esp.—Penso que estou com minha mãe e com ela estarei? Bem, agora vou mesmo... mas todos estão tão contentes que eu penso que voltarei um dia aquí. Se minha volta não vos incomodar. Por favor, peço-vos dizer àquele rapaz que lamento o que lhe causei.

Méd.—Procurareis ajudá-lo? Já o podeis fazer.

Esp.—Posso? Como?

Méd.—Dando-lhe intuições a-fim-de voltar para o lar dele. Vossa mãe vos explicará tal coisa.

Esp.—Minha mãe diz que eu devo agradecer-vos por ter ela me encontrado, mas ela achou seu filho virado em mulher! Não me reconheceu como mulher, mas devemos aceitar as coisas como elas são. Vou-me embora. Boa noite».

No dia seguinte ao da sessão, a atitude de C. B. já se modificára grandemente. Escreveu a seus pais suplicando que tudo fizessem para conseguir a sua desincorporação, pois queria voltar para casa e continuar no seu negócio. Acrescentou que não compreendia porque se tinha alistado e que lhe parecia ter estado mergulhado em um sono.

Como o rapaz se houvesse alistado dando a idade necessária, quando na realidade só tinha dezessete anos, foi, após muitas dificuldades e demoras, desincorporado do serviço naval e voltou para a sua casa, completamente normal em seu estado.

CREDO ESPÍRITA

O eminente filósofo francês, Leon Denis, que fôra uma das maiores glórias da «Nova Revelação», ao lado do inesquecível mestre Allan Kardec, tudo que escrevia era repassado pelo cadinho do bom senso e sob a inspiração dos grandes luminares da espiritualidade.

Falar em Léon Denis é falar de todo um corpo de doutrina.

Dentre os discípulos do codificador do Espiritismo, êle tem a primazia.

Espírito inteligente e culto, soube reunir, em poucas palavras os princípios basilares da Doutrina Espírita, sob a epígrafe acima, como a seguir veremos:

«Cremos em Deus único, onipotente, oniciente, infinito em perfeições, causa do universo.

Cremos na existência e imortalidade da alma espiritual e em sua perfectibilidade progressiva pelos merecimentos.

Cremos nas recompensas e expiações dos espíritos, em justíssima proporção com a bondade ou a maldade de seus atos livremente realizados.

Cremos na pluralidade de mundos habitados e na pluralidade de existências, como expressão, a primeira, da sabedoria de Deus, e como meio, a segunda, de purificação das almas e da reparação das faltas cometidas.

Cremos na salvação final de todo o gênero humano.

Cremos na divindade da missão de Jesus Cristo e na redenção dos homens pelo cumprimento dos preceitos evangélicos.

Nossa moral é a caridade, nossa religião é o Evangelho, e nosso mestre, Jesus Cristo. (1)

Cremos, com Jesus, que toda a lei e os profetas se reduzem ao amor de Deus e ao amor de nossos semelhantes.

Cremos, finalmente, na comunicação espiritual necessária ao progresso da humanidade e prova da soberana Providência, que vela incessantemente pela fraqueza dos homens». — Léon Denis.

NOTA. — Confirma o culto espírito de Humberto de Campos, na sua obra - «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho», que Léon Denis, em uma das assembleias espirituais, presididas pelo próprio Cristo, seria destacado para cooperar na obra Kardeciana, juntamente com João Batista Rostaing, Gabriel Delanne e Camille Flammarion.

As obras de Léon Denis, que se compõem de nove volumes, constituem um trabalho de filosofia transcendental, capaz de transformar o mais empedernido dos materialistas.

SPÁRTACO BANAL.

(1) O grifo é nosso.

Imenso é o trabalho que vos compete realizar na seára espírita. Uní-vos cada vez mais em espírito de solidariedade, sob o lema — todos por um e um por todos, afim de que o vosso trabalho se complete no Senhor.

Camargo.

UMA QUINTA COLUNA DENTRO DO ESPIRITISMO



Á mais de um quarto de século, isto é, desde 1922, quando empolgados, com a magnificência da Doutrina Espírita, resolvemos fazer a nossa primeira conferência, sôbre Espiritismo, Esoterismo e Teosofia, ante enorme assistência para nosso maior entusiasmo de calouro submetido à prova de fogo, afirmámos desde logo ser o Espiritismo superior a todas as doutrinas espiritualistas das que até então conhecíamos.

No curso dêsse longo período de atividades espíricas, quanta coisa temos presenciado!

A linha de conduta a que nos traçamos desde os primeiros momentos, não sofreu, felizmente, até agora, nenhuma solução de continuidade.

Em 26 de Novembro de 1922, em a nossa conferência de estréia, tivemos a satisfação de afirmar de público, ao ensaiarmos os primeiros passos, que o Espiritismo supera em tudo a todas as doutrinas espiritualistas pela sua simplicidade e clareza dos argumentos, mormente quando são abordados os mais transcendentes problemas da vida, quer sob o ponto de vista físico, quer espiritual.

Naquela época, há vinte e sete anos passados, era comum entre espíritas, discutir-se, para realçar os princípios doutrinários do Espiritismo, apontar os êrros das igrejas que deturparam profundamente os ensinamentos cristãos; mas, hoje não poderíamos mais restringir os nossos argumentos combatendo aos que deturparam o Cristianismo e fizeram das suas igrejas os mais nefandos antros de corrupção, mas, ao contrário, hoje a nossa luta terá que ser travada à quem das fronteiras, pois, a tarefa que nos compete na hora que passa é a da defesa da Doutrina, não mais em contra-ataques como antes éramos forçados, respondendo ataques e arremetidas dos inimigos de fóra, das outras religiões ou facções religiosas, das que mais corromperam os Evangelhos do Cristo.

A luta será, de agora em diante, intra-muros, pois, os inimigos da Doutrina, formando uma verdadeira quinta coluna dentro do Espiritismo, estão vivendo em perfeita intimidade com aqueles que pregam e defendem o seu grande patrimônio idealístico.

Quem serão, afinal, perguntarão talvez os nossos leitores, esses inimigos que vivem em comum com os verdadeiros profítes da Doutrina?

Eis a resposta:

São todos aqueles que exploram em nome do Espiritismo os seus irmãos; que fazem do mediunismo um comércio, esquecidos, por conveniência, da recomendação evangélica de que se deve dar de graça o que de graça se recebe.

São aqueles que exploram em nome da caridade; que, sendo médicos receitam de graça, mas, quando o fazem, os remédios indicados são originários de um só laboratório, pois, com êsse produtor ou fabricante de preparados, há um acôrdo comercial como bem esclarece o Dr. José Palmério em seu valioso livro «O CUSTO DOS REMÉDIOS».

Conhecemos aquí no Rio, vários mercantilistas dessa natureza, sendo que muitos deles com consultórios instalados no interior de Centros Espíritas e Tendas Umbandistas.

Um Centro Espírita, não é, bem o sabemos, aquêle que atrái as multidões em busca de passes mediúnicos ou «magnéticos»; que anuncia pelas colunas dos jornais as suas curas miraculosas, de tuberculosos, cancerosos ou outra qualquer enfermidade, em dias ou meses préviamente estipulados; mas, ao contrário, são aqueles que estudam a Doutrina e a recomendam, praticando os ensinamentos de Jesus, porque o Espiritismo tem como precípua missão o soerguimento do espírito, o esclarecimento da razão.

Assim pois, os maiores inimigos da Doutrina, não estão mais fóra dos arraiais espíritas, mas, vivem em comum e participam de todos os movimentos promovidos pelos verdadeiros

espíritas, principalmente, tendo em vista o espírito de tolerância apreço e praticado pelos que, bem intencionadamente acreditam em todos os que se dizem espíritas, mormente se êsse «crente» for portador de um título de médico ou estiver rotulado com um «dr» antes do nome ou um posto de capitão que seja, para recomendá-los.

Os espíritas que se prezam como tal, precisam, antes de tudo, isto é, antes de pôr em prática os princípios de tolerância e paciência recomendados pelo Mestre, examinar se há nas imediações do Templo e mesmo dentro do Templo, alguns daqueles indivíduos que já na época do Cristo transformaram a igreja do Senhor em covil de ladrões.

Os charlatães não dormem! Tartufos e charlatães andam por toda parte farejando os Centros Espíritas com o único propósito de explorar os incautos e os de boa fé. Cuidado também com os fenômenos de materialização! pois, indivíduos há capazes de todas as baixezas, mormente nos meios onde a tolerância é pedra de

tóque, eles estão sempre presentes.

Outras inovações que deturpam, enxovalhando a Doutrina, são as festas de caracter profano que se fazem com o fim de arrancar dinheiro aos desprevenidos. Os leilões de prendas, os churrascos, as caipiradas em noites juaninas, tudo enfim que possa desvirtuar os processos da propaganda espírita, devemos combatê-los, negando-lhes a nossa presença, seja para o fim mais nobre, pois, para esses fins devem ser nobres também os meios de aquisição.

Se continuarmos assim, de braços cruzados, permitindo que tartufos e charlatães façam do Espiritismo um campo de ignóbeis explorações; uns vendendo passes como qualquer mercadoria, outros mancomunados com fabricantes de remédios ou panacéias, estaremos, indiretamente, colaborando com eles, prejudicando a grande obra de tantos valores, intelectuais e morais que se dedicaram de alma e coração à propaganda de tão bela Doutrina.

Pereira Guedes.

Rio, Abril de 1949.

PONTOS DE VISTA — LEOPOLDO MACHADO

A Eterna Questão

Um de nossos pontos-de-vista inseridos nesta Revista levou o ilustre confrade, dr. Henrique Andrade, a uns comentários — *Refutando um Argumento* — por sua *Aurora*, a que respondemos com uma carta atenciosa, como é de nosso feitio e pelo justo merecimento do articulista. S. s. responde-nos, também, atenciosamente, cristãmente, á altura de confrades que se desentendem nos seus pontos-de-vista, sem se desentenderem nos princípios de tolerância e de fraternidade. Acontece, porém, que seu escrito já provocou desentendimentos, como o que abaixo se analisa, por ser uma refutação de público. Ao público, também, julgamos que deve ser dada nossa carta:

Dr. Henrique Andrade

Prezado irmão espiritual

Paz e alegria

Li, de volta de mais uma excursão

de propaganda a terras de meu Estado Natal, em sua bem feita AURORA, seu *Refutando um Argumento*, de 15 de Janeiro.

O argumento refutado, um ponto-de-vista meu a propósito da malsinada questão do corpo material do Cristo, inserto em *Revista Internacional* de 15 de Janeiro.

Antes de mais nada, quero agradecer-lhe, sinceramente, os generosos conceitos que expendeu a respeito de minha modestíssima ação dentro da Doutrina que nos irmana.

E confesso que li com vivo interesse suas razões, visto como sou dos que gostam, certos ou errados, da franqueza.

Deixe-me, agora, deplorar — ai de mim! — minha pouca sorte, na elaboração do referido ponto-de-vista, justamente respondendo a um fluidista que capitula superioridades morais nos que vêem a questão como êle.

Como para mim a autoridade e a superioridade moral decorrem de exem-

plos e obras, que não de opiniões, teorias e pontos-de-vista...

Deficiência minha de expressão e maior desejo do prezado irmão de prestar um serviço a mais à questão de que é, incontestavelmente, o maior campeão entre nós, levaram-no a ler o que não escrevi, o que não pensei.

Sinão, vejamos:

Para mim, a questão do corpo do Cristo é questão aberta como tantas. Entretanto, minha razão, talvez por deficiência de raciocínio e percepção, aceita, perfeitamente, um Cristo com o corpo diferente do nosso, sem ver, de modo algum, no Cristo de corpo humano como o nosso, nada que lhe diminua a grandeza e santidade da excepcional missão.

E foi o que escrevi, rematando a frase assim: «não vemos nelas (nas teorias de Roustaing a propósito do corpo fluídico) nada que contrarie o espírito do Evangelho, que diminua a missão superior do Cristo, que o apresente como embusteiro, que fuja à razão».

O ilustre confrade leu, todavia: «que a teoria de Roustaing em nada contraria a de Kardec».

Compare, serenamente, as duas expressões e verá que ha entre as duas uma grande, uma enorme diferença.

Não tive, de resto, ao escrevê-lo, a intenção de confrontar a maneira por que dos dois autores, ou os Espíritos que os guiaram, viram o processo e as finalidades da reencarnação.

Só me interessou, no caso, a corporeidade fluídica do Cristo.

Isto mesmo, sob seu aspecto moral.

Não li, efetivamente, seu livro, porque a questão, na verdade, não me interessa.

Desinteressa-me a questão pelo azedume que distila entre os espíritas, ainda tão pouco fraternos e tolerantes, a despeito de andarmos todos nós a pregar, a miudo, tolerância e fraternidade.

Desde que nos entendemos militando na Doutrina — e já lá se vão mais de trinta anos! — que outra coisa não tem feito a malsinada questão, sem vitória real para nenhuma das facções em luta.

Ainda bem que reconhecemos um no outro o direito de ter opinião diversa. O mal não está, evidentemente, em pensarmos e crermos diferentemente, mas, na intolerância e na pretensão com que

vemos as crenças e os pensamentos dos outros.

E', até, possível que eu seja um dos pecadores desse grave pecado, que é bem mais facil ver pecados alheios do que os nossos.

Ainda bem que Deus é Pai de todos nós.

Cordialmente,

A Verdade é outra.

A verdade não é a que pensa o ilustre confrade que mimiografou seu triste, **ESTA É A VERDADE.**

Recebemos um exemplar do autor e outra, perfidamente, de um anônimo.

Aliás, o autor sempre nos mereceu consideração e apreço, pois sempre o julgamos mais ponderado e coerente.

O «velho militante acatado e respeitado até no estrangeiro» de sua moxinifada, somos nós.

Uma coisa entretanto, queremos frisar bem aqui: não temos, felizmente, rabo, a despeito de sermos um tanto evolucionista, com Darwin.

E gostamos das coisas pão, pão, queijo, queijo, sem jesuitismos e jesuitices.

A tragédia da confusão e desentendimento que corre no meio espírita, deplorada pelo confrade no seu aranzel, não decorre das idéias e teorias que os espíritas tenham, que nos ditos meios puramente *cardecistas e roustainguistas*, como se vai por aí chamando as correntes que aceitam ou não o corpo fluídico do Cristo, ela, a tragédia, existe. E' que a confusão e o desentendimento são características da época que vivemos. E fôra preciso que os espíritas fossem, sinão uns poços de pureza, muito bonzinhos para fugirem aos azares próprios dos períodos de transição.

E que autoridade teria um confrade para tanto, se é o primeiro a atirar *racas* sobre *racas*, sem motivos objetivos sérios, a confrades, instituições, movimentos e jornais que estão fôra de seus pontos de vista?

«A cada um segundo as suas obras», que não segundo as suas teorias e cultura, e não segundo seus pontos-de-vista e religião, é o que nos ensina a Lei Maior...

Carnaval e Sessão Espírita

«Fui censurado até por irmãos da Espiritualidade por que assisti ao curso carnavalesco. Comprometemo-nos a com-

parecer á sessão e eu faltei. Mas, não fui ao curso. E' que discordei da sessão em pleno carnaval.»

Não vimos, evidentemente, motivos fortes e sérios demais para essa discordância. Nem compreendemos por que não se deve fazer sessão de estudos em pleno carnaval. A menos que seja para que os «espíritas» tenham férias doutrinárias, afim de se entregarem aos braços de momo, não vemos outra razão.

Cá por nossos pagos houve reunião, a que compareceram 32 confrades.

E todos os anos fazemo-la com proveito, que é no meio das trevas que se faz mister a luz, que é no meio do vício que deve aparecer a virtude convidando viciados a seguí-la.

Conversavamos—nós e um médium de nossa amizade e confiança—quando o médium sentiu a aproximação de um irmão. Recebeu-o. Dissemos-lhes, brincando: —Fazia-o brincando o carnaval.

Ele, sem se aborrecer, respondeu-nos:

—Nossõ carnaval, meu amigo, é outro. E' um trabalho árduo, porque consiste em envidar esforços afim de impedir que os poucos que resistem ás tentações de momo não se lhes entreguem...

— Por isso, veio falar-nos?

— Deem graças a Deus por já possuírem as fôrças para esta resistência, que a tentação do carnaval é, mesmo, contagiante, absorvente, enleiante. Os espíritos frívolos e inferiores descem em falanges, porque o ambiente está para eles. E, então, encontram facilidades sem nome para empurrar toda gente á folia, com que gozam intensamente, dando, assim, pasto a seus instintos inferiores. Porque é quasi impossível, meu amigo, brincar o carnaval com honestidade. Tudo nele convida á licenciosidade, ao vício, ás alegrias da carne, ao pecado: sua folia mesma, as canções e música licenciosas e picantes, o uso exagerado das bebidas, a promiscuidade desenfreiada. Esse ano, então, que o nudismo imperou...

Ora, se vocês os que deviam resistir mais ás tentações, fecham as portas de seus templos de estudo e de orações e vão, também, participar da folia, que diques e antemurais restarão contra o êrro e o vício?

Fenômenos de Bicorporeidade.

Os fenômenos de *bilocação*, *duplo*

etéreo ou *bicorporeidade*, porque não são dos mais comuns, são, ainda, dos menos estudados.

E, talvez, dos menos compreendidos.

E dos mais interessantes na história da fenomenologia espírita.

A Igreja de Roma está cheia deles.

São dos mais clássicos os atribuídos a Apolonio de Tiana, e Antonio de Pádua...

E a explicação para os fenômenos?

A sua *menos compreensão*, de que acima falámos, decorre, exatamente, da falta de uma explicação perfeita, indiscutível.

Claro que o duplo etéreo, o principal elemento da bicorporeidade, é o corpo espiritual, de que nos fala Paulo de Tarso. O perispírito, dos espíritas. Corpo indivisível, imutilável. Conta-nos o dr. Kerner, no seu célebre livro, *Vidente de Prevorst*, que essa grande médium via nos mutilados, perfeitamente, o órgão fluídico que lhes faltava. Que tais partes mutiladas existem, perispiritualmente prova-o a dôr que, a espaços, o mutilado sente no órgão que já não existe, é factó.

Chama-se *desdobramento autoscópio*, ao fenômeno de o paciente perceber seu próprio fantasma, conservando, entretanto, plena consciência de seu estado.

Oliver Lodge conta o factó interessantíssimo de um soldado da grande guerra, que viveu conscientemente fóra do próprio corpo, que o via à distância. E' um caso perfeito de *fantasma desdobrado*, como o classifica Gabriel Delanne. Um caso como o da professora sueca que Swedenborg cita: vista, a um só tempo, na cadeira, a ensinar, e no jardim entre roseiras...

A *Metapsíquica*, a ciência concebida pelo sábio Charles Richet, com o objetivo de explicar sem o Espiritismo os fenômenos espíritas, chama ao fenômeno *desagregação psíquica*. E dêle podem resultar outros fenômenos, como os das *personalidades múltiplas*. Donde, portanto, concluir que, à luz da própria ciência, porque da Metapsíquica, uma só personalidade póde emitir várias outras.

Frederico Myers escreveu um volume — *O Fantasma dos Vivos* — sôbre tais fenômenos, de tão originaes que são eles.

Dr. Osty e o grande Gabriel Delanne se ocupam, também, interessadamente, do assunto...

Só os encarnados é que projetam *duplos* e *personalidades múltiplas*?

Não o cremos.

Se o espírito ainda na carne opera tais prodígios, porque liberto da carne, dispondo de mais probabilidades e de menos embaraços, não poderá fazer o mesmo, e mais ainda?

Temos visto filmes espíritas em que o mesmo personagem emite muitas figuras de si mesmo, à fôrça de jogos de lentes bem articuladas.

Ora, não é possível que nossos cinematografistas disponham de mais recursos do que espíritos superiores, que podem manipular fluidos do laboratório do Infinito e de *médiuns* próprios, à sua vontade.

E teria sido, naturalmente, êste, o caso da *Transfiguração do Tabor*.

Viu-se o Cristo entre Elias e Moisés, que foram o mesmo espírito, como é princípio aceite no Espiritismo.

Que Elias e João Batista foi o mesmo Espírito, afirma o Cristo categoricamente.

Como poderiam Moisés e Elias, um só Espírito, aparecer no Tabor em duas individualidades diferentes?

Diz Roustaing que um espírito superior tomara o lugar de um deles.

Não nos satisfaz a explicação, que seria, talvez, aceitar um espírito superior a fazer-se de ator.

Satisfaz-nos a teoria do *fantasma desdobrado*, de uma *desagregação psíquica*, de uma *personalidade múltipla*.

O fenômeno foi, na verdade, um facto espírita.

E o ambiente, de verdadeira sessão espírita de materialização, com êste enorme ensinamento: que, para tais sessões, além de número reduzido de pessoas, só pessoas de nossa afinidade. Ora, o Cristo andava com os 12 discípulos, mas só levou consigo para o Tabor, os três de sua maior confiança e afinidade...

Ha uma comunicação atribuída a Kardec, recebida no Rio de Janeiro, pelo médium Frederico, que aceitamos perfeitamente:

«Se os Espíritos de ordem inferior podem, pela sua simples vontade, tomar diversas formas, porque um Espírito superior não póde imprimir no fluido luminoso, as imagens que queira, para produzir certos e determinados efeitos?»

Portanto, Elias, presente em espírito como Moisés, se quisesse, podia imprimir no fluido luminoso as imagens que tivera nas suas últimas encarnações, como fotografias perfeitas de seu pensamento».

E com as duas citas, encerramos estas considerações, que talvez não passem de simples pontos-de-vista...

☉ Fenômenos de Materialização ☉

XXVIII

Sessão de assistência espiritual do dia 9 de Março de 1948. Preside aos trabalhos o confrade Antonio Alves Ferreira, 1.º secretário do Grupo, iniciando-os, com uma prece ás 20 horas.

O médium de efeitos físicos, não obstante estar bastante gripado, serve de aparelho para a comunicação de um guia espiritual, o qual faz as necessárias observações de ordem disciplinar, aconselhando recolhimento espiritual aos assistentes e mandando recolher o próprio médium ao gabinete mediúnico, afim de ser beneficiado e, depois disso, contribuir com os seus dons mediúnicos para o alívio dos sofredores. Passados demorados momentos, durante os quais se procedeu á leitura de uma página doutrinária, se fizeram oportunos comentários á mesma, se en-

toaram hinos e se proferiram preces. Percebem-se os primeiros fenômenos de efeitos físicos, registrando-se rumores na cabine, provenientes do toque de objetos de madeira e metal, da agitação de água e da reprodução do som de passos surdos e ritmados. Isto se verificou por longo espaço de tempo e a impressão de todos que testemunhavam tais ocorrências era a de que não podiam deixar de ser manifestas demonstrações de uma atividade real mantida — é de deduzir-se, em sã consciência — por entidades independentes e autênticas, providas do dom de inteligência. Se portanto, não tivéssemos a oportunidade de testemunhar os notáveis factos tangíveis, bastar-nos-iam estas provas inconcussas, da existência do mundo extraterreno, povoado de espíritos intelli-

gentes. Pelos ruídos cadenciados que faziam, podia-se perceber, perfeitamente, todos os movimentos e atividades.

O ambiente era de penumbra, quasi não permitido distinguirem-se uns aos outros, os participantes, do mundo físico, dos trabalhos em curso. Logo que o Major Ismael Pinto terminou a sua alocução, uma entidade espiritual se aproxima do irmão Fonseca, pisando-lhe levemente os pés e colocando-lhe a mão sôbre a cabeça. Sem que o caro companheiro tivesse tempo siquer, de refazer-se da emoção, o espírito familiar de Margarida diz-lhe: «trago-te margaridas» — entregando-lhe um ramalhete de flores naturais ás quais se dá comumente êsse nome. Passado êste episódio, o espírito se retira docemente, perdendo-se entre as cortinas do lado lateral direito da cabine. Em seguida, interrompendo as sombras uma claridade característica, focaliza a estimada irmã Noca, deitada em uma cama improvisada junto ao gabinete, por determinação superior, afim de ser beneficiada nesta noite. A luz fixou-se na parte enfêrma do corpo da nossa confrade, durando isto apenas alguns segundos. Daí a pouco tempo os assistentes exclamam, seguidamente, um por um, a exteriorizarem carinhosos agradecimentos aos espíritos materializados, que lhes ofertaram flores naturais. Nada menos de três entidades se revezam no trabalho de agraciar os componentes do Grupo, presentes à reunião, em número de vinte, com frescas e mimosas flores. Há um como convencional silêncio generalizado, certamente provocado pela contrição espontânea de que todos se viram presas, proveniente do esforço de retenção das emoções suaves e doces sentidas, interrompido pela palavra e pela gargalhada, quasi estridente, do queridissimo José Grosso. Revelando-se um proverbial verboso, mal podia conter-se de entusiasmo e alegria, anunciando-nos que a noite era de festa e júbilos, de vez que se assinalava a data do aniversário da desincarnação do bondoso espírito de Araci, protetor do médium. E nessa efusão de demonstrações de contentamento e carinho, esclarece-nos que Margarida trouxera-nos margaridas, Scheilla hortências, e Neusa, cravos. Estes detalhes dados pelo espírito familiar, podem parecer supérfluos, porém se justificam pela ausência de claridade ambiente, dificultando-nos distinguir a natureza

das flores recebidas. Ilka eleva sua voz sonorissima, a cantar «Almas Gêmeas», que os assistentes incarnados acompanham reverentemente. Declara, depois de cantar, tê-lo feito em homenagem a D. Baby, mãe de Araci, presente à reunião. Enquanto se ouvia o cântico, uma luz de formato esférico se centralizava junto dos pés daquela estimada confreira. Poucos minutos mais e ela ora convulsivamente, em pranto de alegria, agradecendo a Deus, a graça do beijo e do abraço recebidos de sua saudosa e estremecida Araci, que naquêlê instante percebia retornada a uma vida mais pujante e significativa. E, mal podendo conter as explosões de emoção e deslumbramento, entra, alí mesmo, em minudências a relatar as sensações sentidas pelas carícias da sua filhinha, que lhe tocára docemente o rosto, num gesto repassado de afeto e ternura.

O apreciado espírito apresentava-se em u'a materialização de porte minúsculo, aparentando uma criança de tenra idade.

D. Alda Pinto comenta o preceito de Jesus:

«Beinaventurados os mansos, porque herdarão a terra», fazendo-o com precisão e clareza. O José anuncia-nos que Araci modelára sua mãozinha e seu pezinho para presentear à sua mãe.

O Ferreira convida o José a cantar com os presentes o hino «Pai do Céu», respondendo-lhe êle que, Margarida e Ilka o fariam em seu lugar, o que realmente se verificou. O José ainda nos entretém durante alguns minutos, avisando-nos que tivera de desligar o fogareiro elétrico que dava energia para fazer ferver a parafina, em virtude de quasi se ter dado uma explosão, tendo nós, de facto, sentido ativo cheiro de fumaça, que êle esclareceu estar prejudicando o médium.

Cantada a «Canção Materna», com o acompanhamento da voz singular do Fidelinho, David previne-nos, por voz direta, de que chegamos a têrmo da nossa sessão, sendo esta declarada encerrada, depois de proferida a prece terminal e de assistido e despertado o médium.

Ligados todos interruptores, a luz elétrica voltou a dominar o recinto, indo eu buscar os moldes originalissimos de parafina, de que se ocupára o querido José. As formas, quer da mão quer do pé

são perfeitas. Entre os assistentes, cada qual empunhando as com que foram agraçados, contamos os seguintes exemplares de flôres naturais: 14 margaridas, 11 cravos, 11 hortências e duas folhas verdes e de regular dimensão, que eu supinho serem de hortências ou de sub-arbusto similar.

Só ás 24 horas deixavamos a séde do Grupo, onde nos foi permitido assistir a coisas impressionantes, que nos fizeram experimentar sensações indescritíveis.

Amadeu Santos.

Rio, Março, 1948.

¶ Cinzas do meu Cinzeiro ¶ M. QUINTÃO

Morava êle na Estação do Sampaio e eu nêste velho Engenho Novo.

Nos baixos do chalé da rua 24 de Maio, ficava o bilhar, em tórno do qual êle reunia os amigos nas tardes dominigueiras.

Foi assim que o conheci, sempre jovial, sociável, expansivo. Estavamos em período de franca revolta. A revolta da Armada, com os maragatos de Gumercin-do Saraiva no Sul e as façanhas de Custodio de Melo com o «Aquidaban», na Guanabara.

Quintino Bocaiuva, hierático e abotoado na indefectível sobrecasaca preta, residia em «Cupertino», estação que lhe guarda hoje o nome glorioso, e não raro era nosso companheiro de viagem, por vezes de banco, no comboio das 21 h. 40.

Sabido que «O Paiz» era o *in hoc signo* dos partidários do Marechal de Ferro, creio que foi êsse jornal o iman das nossas relações, longas de 40 anos.

De resto, aquêle tipo insinuante, de fraque cinzento, bigodeira farta e flôr à lapela, não podia passar despercebido.

Mas, havia latentes, entre nós, outros élos de afinidade e atração. E' que êle já era o *Antomil*, frequente à «Galeria Poética» de «O Paiz», por mim também forçada ao socairo condescendente do saudoso Artur de Azevedo.

Dir-se-á então, que poderíamos antecipar a histórica frase de Sãens Penña a Campos Sales: *Tudo nos une, nada nos separa*.

* * *

Como se fez o Lima spiritista, não sei. O que sei é que foi êle quem me introduziu na Federação Espírita Brasileira, onde juntos convivemos e trabalhamos longos anos, e de cuja Diretoria foi membro ativo, constante e prestimoso. Em lhe não caber o título de fundador da Livra-

ria, pertence-lhe de facto e de jús, o de seu organizador e propulsor. Em 1904, ao ensejo do Centenário de Allan Kardec, foi êle quem no seu dinamismo poliforme e juvenil entusiasmo, promoveu a revisão e reedição das obras do Mestre.

Colaborador assíduo do «Reformador», estudioso do vernáculo e fã do grande Castelo Branco, suas atividades se estendiam e desdobravam em jornais, revistas e livros, que fizeram época e aí jazem esquecidos e desconhecidos das novas gerações.

Espírito irrequieto e versátil por temperamento, mas sempre cintilante, abordou com mais ou menos êxito, todos os gêneros literários. De escantilhão, lembramos: «Educação da Infância» (1905); «Halos», poesia, (1906); «Meu Diário, O Espiritismo na Infância e Evangelho das Crianças», (1927); «Caminho do Abismo», «Senda de Espinhos», «Estrada de Damasco» e «A Sonâmbula», romances, 1933-1937 e «Vida de Jesus», estudo histórico, (1937).

Se houver quem respigue em sua bagagem literária resquícios de perfuntoriedade, a esses pode-se contrapôr o lastro seguro da estrutura didática, tendo em vista a existência afanosa e atribulada que lhe assinalou os passos terrenos.

* * *

Antonio Joaquim de Lima, nascido de pais ilhéos, na heráldica cidade fluminense de Vassouras, exuberava-lhe a seiva hereditária da laboriosidade, por mais ímproba que se deparasse a tarefa. Cedo orfanado de pai, mal começados os estudos primários, houve de atirar-se ao ganha-pão da família e conseguindo, ainda assim, titular uma irmã e bem casar outra. A velha genitora adorava o seu *Antonico* e não teve, certo por isso, maior

relutância em renunciar a fé avita, para converter-se à crença do filho. Acrescido já então o lar com a esposa e duas cunhadas, nêle vigorava e refulgia, malgrado as vicissitudes e fraquezas humanas, perfeita comunhão evangélica. Aquelas sessões íntimas da Rua Dr. Jobin, tantas vezes molhadas de lágrimas, eram um baluarte de resistência e reconforto aos contra-tempos da vida de realação.

Com que saudade as invoco aquí...

* * *

Mas, a vida de realação... Quem poderá nela prever as coordenadas do Destino?

A paremia de Pelletan vige para a humanidade em bloco, quanto para o homem em si. Nosso Lima, que foi marçano, guarda livros, comerciante e quase banqueiro, conheceu eminências e razuras de afelio e perifelio, para finir-se apagado e isolado em lugar e dia incertos numa cidade do interior. Seníl e quase indigente, esgueirou-se do mundo discreto, tal como nele entrou.

* * *

E contudo, e a despeito de tudo, êle foi um perdulário semeador e propulsor de idéias e benefícios generosos, que aí florescem no âmbito social e nos círculos doutrinários.

Se não, vejamos: Com Tomaz Costa, Luiz Frugoni e outros, cooperou na fundação da ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO; com o mesmo Tomaz Costa e João Duarte, compartilhou da Administração do BANCO UNIÃO DO COMÉRCIO; estabeleceu, ao inaugurar-se a Avenida Rio Branco, o CAFÉ CHIC, rival do JEREMIAS, modelar ao seu tempo.

Foi, outrossim, o precursor do seguro sindical de classe, dos sorteios de Cooperativas e Clubs a prestação, e até da torrefação e entrega do café a domicílio, que, a falta de autos, ainda impracticáveis ao tempo, êle imaginava em viaturas artisticamente pintadas e tiradas por mulas brancas, sincerros sincronizados e cocheiros de libré. Assim era o meu, o nosso Lima.

* * *

Certa feita, em regresso do trabalho, num bonde ronçeiro da «Vila Isabel», ao pretender moderar-lhe os arrou-

bos da fantasia e entusiasmo, êle me revidou sorridente à Pangloss:

— «Se todos fôssem como você, a humanidade ainda andaria de tanga».

— Sim — repliquei — é possível, mas, olhe que ainda não passei de cangalha a sela, para voltar à cangalha...

Este episódio antecedeu de pouco a derrocada do «CAFÉ CHIC» e a sua mudança para Belo Horizonte, onde, com Cicero Pereira, (outro paladino recém-libertado) fundou a UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA, que lá ostenta o seu retrato em galeria de honra. Em três viagens a a Europa, o velho companheiro ufanava-se de haver conhecido pessoalmente Léon Denis, Jean Meyer e outros próceres da Doutrina, bem como de haver discursado na «Casa dos Espíritas» e depositado flôres no túmulo de Allan Kardec. Mas... onde o seu? Na memória dos sobreviventes? Talvez... talvez...

* * *

Colaborando com Paim Pamplona no «Colégio Nacional» e no «Anália Franco», ou secundando Inacio Bittencourt na «União Suburbana» e no jornal «Aurora», excursionando pelo interior e editando livros de conta própria, já senescente, mouco e peticego, aos 80 anos de idade, nem assim lhe arrefecia o ânimo juvenil. Atropelado por automóvel e hospitalizado, breve refeito voltava a rolar a pedra dos seus sonhos, com a tenacidade Sísifo.

O último sonho, ao que sabemos, era a construção de um «Teatro Espírita» aquí no Méier...

* * *

Ao sôpro desta carusma, desafogome de um imperativo de consciência em homenagear um companheiro inexplicavelmente esquecido, entre os mais dignos de lembrança, como legítimo servo do SENHOR.

E ao SENHOR rogo que o ilumine na senda da verdade. Eu bem sei que haverá quem o acoime de leviano, versátil, bisantino, mas, não é para êsses que traço estas linhas, pois que a êsses cometo o encargo de atirar a primeira pedra, por concluir com o *ad te ipsun oculos reflecte, et aliorum facta caveas judicare* (1).

(1) Imitação de Cristo, Cap. XIV-1.

Crônica Estrangeira

O Poder dos Radiestesistas

De «Revista de Metapsicologia», Lisbôa
Pelo Coronel Faure da Rosa

A radiestesia volta a estar na brecha... se é que alguma vez deixou de o estar.

Já explicámos que êste termo «radiestesia» é o substituto da velha «rãbdomância», êste talvez mais apropriado por significar adivinhação pela varinha, ou seja a manifestação metagnômica perceptiva, conforme a tecnologia metapsíquica.

Certo é, porém, que, quer com varinha, quer com pêndulo, ou mesmo sem varinha nem pêndulo, os fenômenos produzem-se como quaisquer outros supranormais de clarividência, cuja faculdade depende da estrutura individual de cada um e do uso mais ou menos judicioso que dessa faculdade se faça.

É como a varinha, ou o pêndulo, nas mãos de certos vedores ou radiestesistas, responde a muitas perguntas que nada têm que ver com as substâncias do sub-solo—objetos perdidos, escondidos, órgãos doentes, diagnósticos e prognósticos, sexo duma criança prestes a nascer, etc.—somos levados a admitir a intervenção duma inteligência críptica que responde ás perguntas que lhe façam.

Êste intróito ocorreu-me, após a leitura duma notícia publicada na «Vida Mundial» de 2 de Outubro acerca das curas espantosas operadas pelo radiestesista Bignan, em Dijon, cidade onde a maioria dos médicos e as respectivas famílias são seus clientes—consoante a aludida notícia.

Não obstante a concordância desses médicos, Bignan foi condenado a dez mil francos de multa, acusado pela Ordem dos Médicos de exercício ilegal da Medicina.

Como se vê, não é só cá dentro; o mesmo acontece lá fóra.

Segundo o noticiário, os juizes, ao que parece atreitos à jocosidade, permitiram-se meter a ridículo o radiestesista acusado, o que deu lugar

ao protesto enérgico duma mulher cujo filho tinha sido salvo por Bignan, depois de abandonado pelos médicos.

Muitos dos quatro mil doentes curados por Bignan, afirmaram no tribunal que, condenados pela medicina, deviam a vida ao radiestesista processado.

Sábios da categoria dos professores Barthélémy e Deladilhe, reconheceram que Bignan dispõe de um poder por óra inexplicável, mas que não se póde considerar inexistente pelo motivo de não o saberem explicar.

O professor Barthélémy procurou desvendar a onda misteriosa captada por Bignan com o seu aparelho «oscilógrafo catódico» sem que tivesse logrado projetar qualquer coisa no écran. Mas, quando Bignan tomou o lugar do operador e moveu as alavancas do aparelho, que nunca tinha visto, no écran apareceram uns traços semelhantes a chuva de estrelas cadentes, traços, até então, inteiramente desconhecidos.

Já Lakhovsky em *L'Eternité, la Vie et la Mort* afirmava que o Universo está banhado por um oceano de vibrações e de radiações que provêm de todas as regiões do Firmamento e que é essa força radiação que mantém em equilíbrio dinâmico tantos os átomos no interior das moléculas, como os astros nas suas trajectórias através dos espaços celestes.

Crookes foi quem primeiro captou as forças radio-ativas e as armazenou de maneira a poderem ser utilizadas pela ciência humana.

Não devem confundir-se as radiações do espaço com o fluído humano, conquanto haja uma estreita correlação que os liga. Todas as forças terrestres, celestes e humanas estão unidas por um princípio comum. (*L. Denis*).

Os sábios astro-físicos tendo observado que as radiações a nove mil metros de altitude eram oito vezes mais intensas que ao nível do mar, concluíram que são as ondas cósmicas que fornecem a energia radiante.

Cada alma é um centro de força e de vida, com radiações que variam até o infinito, segundo o valor moral e o estado de adiantamento do Sêr.

Maurice Broglie, da Academia das Ciências de França, terminava o seu artigo em *Le Journal* de Junho de 1933, por dizer que «*a cada instante, em nós e muito perto de nós, se passam bastantes coisas de que nem sequer suspeitamos e cuja importância poderemos avaliar um dia.*»

Os acontecimentos recentes autorizam-nos a supor que se aproxima esse dia.

Já, em 1923, Léon Denis escrevia na *Revue Spirite*: «Um dia virá — dizem os nossos amigos do espaço — em que cientificamente os sábios possam analisar as ondas que servem para transmitir a palavra.»

A televisão também foi prenunciada em 1923, portanto muito antes da sua realização. Assim nô-lo diz L. Denis no referido artigo, transcrevendo uma outra mensagem do Além: «*Creio poder anunciar-vos que a primeira descoberta que se realizará aí na Terra que habitais, será a visão a distância. Essa descoberta ha-de combinar-se com a teoria das ondas hertzianas do que resullarão diversos fenômenos que vos hão de permitir entrever experimentalmente as condições de vida fora do vosso planeta e as possíveis modalidades de comunicações com o nosso, e a lei geral das correntes que mantêm a vida universal.*»

No Congresso internacional de radiestesistas efetuado em Paris de 6 a 9 de Junho de 1933, entre as múltiplas comunicações apresentadas, foi feita a que dizia que os radiestesistas experimentados pelo Dr. Borrey, assinalaram os locais de várias doenças de pessoas ausentes, percorrendo, com o pêndulo, os lençóis em que os doentes tinham estado deitados, ou as camas automáticas, representando ficticiamente os doentes em que o Dr. Borrey pensava.

* * *

Quasi ao mesmo tempo que «*Vida Mundial*», a revista de Outubro

Spiritualisme, órgão da União Espírita Belga, publica um artigo de Achille Biquet em que é narrado um outro caso de um radiestesista curador. Êste, porém, doutor em medicina: é Jean Cremeau, da Faculdade de Paris, que exerce clínica em Saint-Jean Cap Ferrat (Alpes Marítimos).

Pois a êste médico foi recusada a admissão na Ordem dos Médicos por tratar os seus doentes pelo sistema radiestésico, embora consiga curas que a medicina clássica não obtém. O Conselho da Ordem foi mais longe: intentou uma ação contra êle pelo exercício ilegal da Medicina. Mas o Tribunal, em 24 de Novembro de 1947, absolveu o acusado, recusou a indenização de cem mil francos por perdas e danos requerida pelo Conselho da Ordem, o qual foi condenado nas custas e selos do processo.

Entre os considerandos que justificam a absolvição, transcrevo o que de certo modo estabelece jurisprudência:

«Considerando que não está suficientemente e claramente demonstrado que o acusado tenha obedecido a um espírito de charlatanismo por se entregar à prática da radiestesia médica, a qual, pela maneira como é exercida, parece apresentar características de uma terapêutica especial...»

A Justiça, lá fóra, reconhece que parece tratar-se «*de uma terapêutica especial*».

O mais interessante é que Achille Biquet extraiu a narrativa dêste caso da crônica medical do *Porquoi Pas?* assinada por *Asclepide*, pseudônimo que oculta o nome de um médico defensor da radiestesia.

E' claro que esta atitude de *Asclepide* valeu-lhe várias cartas de protesto, por vezes irónicas, redigidas por pessoas que se julgam autorizadas a emitir opiniões acerca de assuntos que não estudam.

Isto é o que acontece cá dentro, quasi sempre, quando os srs. jornalistas se referem ao Espiritismo e até à Metapsíquica.

Um Caso de Premonição

Psychica

E. L., Diretor de Escola Pública escreve:

«Evidentemente só existem factos naturais, cuja natureza ainda é conhecida imperfeitamente, donde o grande número de factos que escapam a qualquer explicação, e as numerosas divergências que põe a prêmio os homens de ciência.

Eis um facto bizarro que intrigou vivamente, há muitos anos, a população de uma cidade da Mancha.

Um funcionário de finanças morava com sua mãe, pessoa idosa, mas em gôzo de excelente saúde.

Certa manhã, a boa senhora se mostra muito alarmada. «Esta noite, estando perfeitamente acordada, tive uma visão. Um homem penetrou em meu quarto sem dizer palavra, sem fazer ruído. Estava vestido como um comissário, e sobre uma placa de cobre que êle trazia fixada na manga direita, eu li: «Tua morte... tal data,

exactamente daqui há três meses» — Muitas pessoas relacionadas com a família, tiveram conhecimento da predição. Excetuando a interessada, bem convencida da realidade da aparição, todos acreditaram num pesadêlo ou numa alucinação, conseqüente à má digestão.

A boa senhora continuava a passar bem, o incidente estava a caminho do esquecimento, quando na data precisamente fixada pelo visitante noturno, e que caía num dia de feira, Mme. D... saíu, para assistir, como habitualmente o fazia todos os dias, a uma missa matinal. Atravessando o campo da feira, ela foi atacada por um touro, que se escapára, e sucumbiu no mesmo dia.

Estreitos laços de amizade me ligavam ao neto da defunta, com êle estava eu em contacto quasi diário e fui extremamente chocado pela realização de uma predição que jamais eu havia tomado a sério... e muita gente da localidade partilharam do meu assombro.

Eis um facto, cuja autenticidade posso afirmar sob juramento.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Os animais também têm alma!

Materializou-se o cachorro e soltou ganidos de alegria — Pertenceria o animal à família do governador Adhemar de Barros, tendo presenciado o fenômeno a mãe e um irmão do chefe do Govêrno — Conversou com o espírito do irmão morto pela «voz direta», mais de doze vezes

Espantosos fenômenos de cura pelo Espiritismo
— Revelações do cientista espírita
Sr. Urbano de Assis Xavier

Passou por São Paulo, com destino à Alta Paulista, o conhecido conferencista espírita e representante da «Revista Internacional do Espiritismo», sr. Urbano de Assis Xavier. Informada de que o mesmo J. Sattneteim, gerente administrativo havia presenciado insolitos fenômenos de materialização nesta capital, na presença de pessoas do mais alto destaque dos nossos meios sociais, a reportagem do «Diá-

rio da Noite» procurou ouvi-lo a respeito.

«Tenho presenciado fenômenos os mais diversos — declarou-nos — não apenas aqui, na capital, como em várias outras cidades do Estado e do país. Os mais impressionantes são os de «voz direta», em que os espíritos falam com os assistentes sem a interferência de médiuns. Entre 1938 e 39, aqui, em São Paulo, tive oportunidade de participar de um grupo de experimentadores que se reuniam na residência do meu particular amigo sr. Odilon Negrão, funcionário da Imprensa Oficial, e então residente à rua Agostinho Gomes, no Ipiranga. Sua esposa, dona Hilda, é excelente médium de materialização e voz direta, e contávamos ainda, no grupo, o saudoso médium e médico paranaense dr. Luiz Parigot de Sousa. Faziam parte do grupo os srs. Antonio de Castilho, Alipio Couto, Wandyck de Freitas, jornalista muito conhecido nesta capital e a sra Maria Gianoni Novazzi,

diretora do Abrigo Baturá, de Poá. Nessa ocasião, que considero uma das mais felizes da minha vida, tive a ventura de falar mais de doze vezes com o espírito de um meu irmão, o engenheiro Adhemar de Assis Xavier, falecido em 1934, quando a serviço da rodovia Rio-Bahia. A voz, vibrando no espaço, sem intermediários, era perfeitamente reconhecível. Falei ainda várias vezes com o espírito do meu querido amigo Cairbar Schutel, fundador da «Revista Internacional do Espiritismo», e com o espírito da sua esposa. Mais recentemente, passando por São Paulo, fiz uma visita ao meu amigo Odilon Negrão, e resolvemos improvisar uma sessão. Manifestou-se então o espírito do meu amigo Ivan de Albuquerque, falecido na Alta Paulista em 1945, e quando, depois de reconhecer-lhe a voz, pensei em lhe perguntar pelas circunstâncias da sua morte, êle captou e respondeu prontamente ao meu pensamento. A mediunidade de dona Hilda Negrão continua, portanto, em franca atividade, com os melhores resultados».

Espantosos fenômenos de cura

«Em agosto de 1939 — prosseguiu o sr. Urbano de Assis Xavier — meu irmão Adhemar me disse, pela voz direta, que sua viuva, dona Cacilda Cunha Xavier, amanuense do Ministério da Agricultura, residente na Capital Federal, estava fazendo uma estação de repouso, e que sua segunda filha, Mariza, encontrava-se adoentada, mas sem gravidade. Eu não tinha o endereço de minha cunhada, que o espírito, então, me deu, pela voz direta. Em dezembro desse mesmo ano, viajando para a Bahia, procurei-a no Rio, encontrando-a no endereço fornecido pelo espírito. Cacilda confirmou todas as informações que Adhemar me havia dado a respeito da situação dela e das filhas, acrescentando, com lágrimas nos olhos, que Mariza, sua segunda filha, estava atacada pelo mal de Hansen. Realmente, a menina apresentava feias manchas cinzentas pelo corpo, dotadas de insensibilidade. Os exames, porém, levados a efeito no Instituto Manguinhos, indicaram apenas uma esclero-dermia. Resolvi, na volta, trazer Mariza comigo. E logo na primeira sessão que participei, Adhemar apareceu com sua voz inconfundível, agradecendo-me o cuidado que tivera com a

menina e dizendo que os médicos não estavam certos. Havia consultado um médico «do lado de lá» e disse que a menina sararia ao passar dos doze para os treze anos, sem necessidade de tratamentos. Em 1947, ao passar de novo pelo Rio estive com minha cunhada. Mariza, de facto, sarou por completo, após o período de transição, e é hoje uma alta funcionária do Ministério da Agricultura».

Espantosos casos de cura

«Em Garça, na Alta Paulista — continuou o sr. Urbano de Assis Xavier — fui deparar com um caso interessante de mediunidade curadora logo após a dissolução do nosso grupo de «voz direta» aqui de São Paulo. A médium dona Bernarda Torrubio, de família muito conhecida na cidade possui a extranha faculdade de desmaterializar as partes doentes do enfermo, que são a seguir materializadas no estômago e por êle vomitadas durante a sessão. Assisti a curas espantosas. Certa vez, na companhia do jornalista Edgard de Castro Marques, da «A Comarca de Garça», dos meus amigos José Garibe, Gonçalo Assumpção e Miguel Ruiz e do médico Auto Candido de Oliveira Lima, seguí de automóvel para a fazenda do Morro Redondo, a 18 ou 24 quilômetros da cidade, para uma sessão de cura do administrador da mesma, sr. Mendes, tuberculoso desenganado. O citado médico me confirmára que o estado do doente era incurável. Pois bem, iniciados os trabalhos, após a prece de abertura a médium caiu em transe e logo mais vomitava sobre a mesa tamanha quantidade de sangue, que chegou a ensopar parcialmente três toalhas. Feita pelo médico a colheita do material, que foi enviado ao I. P. B., nesta capital, o resultado da análise acusou a presença de grande quantidade de bacilos de Koch. Mas, a médium que havia expelido o material não estava doente. E, realizadas mais três sessões, a que não assisti, o sr. Mendes sarou por completo. Em fins de 1945, em Tupã, conversava eu com o prof. Almiro Mendes, lente do Ginásio Guedes de Azevedo, de Baurú, e contei-lhe êsse caso. Qual não foi a minha surpresa ao ouvir do prof. Almiro que o administrador Mendes era o seu próprio pai, que com êle reside em Baurú, completamente curado da terrível moléstia».

Também os animais têm espírito

Perguntámos ao sr. Urbano de Assis Xavier por um propalado fenómeno de materialização de animais, que se teria verificado nas sessões do grupo de «voz direta», nesta capital.

«E' facto — respondeu-nos — mas, infelizmente não o presenciei. Não obstante, aquí está».

Exibiu-nos, então, um número da revista «O Revelador», que se edita nesta capital, número êsse referente a novembro-dezembro de 1941, e que trazia um completo relato da sessão, feito pelo próprio sr. Odilon Negrão. Na reunião de 25 de dezembro de 1941, segundo o relato, o espírito do dr. Paulo, ex-frequenter do grupo, anunciou que estava presente aos trabalhos «a alma de um cão», e fê-lo diretamente a um visitante, de nome Pereira. Prossegue nestes termos o relato do sr. Odilon Negrão: «Minha esposa pergunta-lhe se se tratava de um cachorrinho lulu, que ela, como vidente que é, costumava vêr, de raro em raro, perambulando pela casa. «Não», respondeu o dr. Paulo, «é um animal grande, um cão dinamarquês. Chama-se Leão». E dirigindo-se ao sr. Pereira: «Você conhece bem êsse cachorro. Êle pertenceu à família de seu pai. Foi grande amigo de você e de seus irmãos». O espírito estava emocionado. O sr. Pereira, comovido, disse que Leão falecera há mais de vinte anos, e que fôra um cão dinamarquês, que seu progenitor adquirira na Europa. Leão era ferocissimo e servia de guarda da casa, na fazenda que seu pai possuía no interior. Por falta de afinidades ectoplasmáticas, como explicou o dr. Paulo, Leão, naquela noite, não conseguiu manifestar-se dentro da corrente da sessão. Em seis de janeiro, voltamos a realizar outro trabalho de «voz direta», com o mesmo médium, os assistentes da sessão anterior e mais a sra. Elisa, mãe do sr. Pereira. O espírito de Romão Rocha dirigiu a sessão em sua parte técnica. Manifestaram-se quatro entidades, dentre as quais uma que deu o nome de Quinzote. Êste foi primo do sr. Pereira e seu companheiro de infância. Após falar ligeiramente sobre assuntos íntimos com o seu parente e amigo, Quinzote afirma: «Leão está na sala». Segundos depois, ouvimos latidos soturnos, roucos e insistentes. O sr. Pereira, assim como sua mãe, sentiram

carícias nas mãos e nas pernas. O interessante foi que, enquanto Leão se manifestava materializado, Quinzote, pela voz direta, ia dizendo: «Leão está satisfeito, está-lhes fazendo festas».

Nova aparição de Leão

Diz ainda, o relato do sr. Odilon Negrão, que dia 15 de Janeiro de 1941, em nova sessão, com o médium Luiz Parigot de Souza, Leão reapareceu, materializado, arranhando fortemente o tapete oleado do soalho, soltando rápidos gâpidos de alegria, andando, deitando-se e espojando-se no chão. E acrescenta: «Perfeita, em todos os seus mínimos detalhes, essa manifestação!»

Quem era o sr. Pereira

A reportagem do «Diário da Noite» está informada de que o sr. Pereira, a que alude o relato, seria o sr. Oswaldo Pereira de Barros, irmão do governador Adhemar de Barros. O cão materializado, portanto, teria pertencido à família do governador, e a progenitora dêste presenciára o fenómeno na residência do sr. Odilon Negrão».

Do «Diário da Noite», de 14 de Março de 1949.



I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo

Realizar-se-á nos dias 8, 9, 10 de Julho do corrente ano, nesta Capital (S. Paulo), a I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo para tratar assuntos referentes a) UNIFICAÇÃO: 1) estudo, sugestões e aprovação final dos meios para a unificação das Mocidades; 2) mensário para as Mocidades.

b) ORGANIZAÇÃO: 1) estudo, sugestões e aprovação final de um regimento interno-modelo para os Departamentos juvenis ligados a entidades espíritas (Mocidades não autônomas); 2) estudo, sugestões e aprovação final para um estatuto-modêlo para as entidades de moços autônomos (não adesas a centros ou sociedades espíritas; 3) padronização dos nomes das Mocidades espíritas indepen-

dentes e dos departamentos juvenis (Não autônomos).

Anterior a I Reunião estão sendo feitas pelo interior do Estado, que foi dividido em Zonas, reuniões prévias para colher *sugestões* dos membros das sociedades de moços, para que em JULHO sejam elaboradas as conclusões da I Reunião.

PRÉVIAS JÁ REALIZADAS

Zona 1 — Dia 10 de Abril, na sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, á Av. da Irradiação, 158, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 1, compreendendo as seguintes Mocidades:

Sorocaba, 3 representantes; Jundiaí, 6; Ismenia de Jesus, de Santos, 3; Estudantes da Verdade, de Santos, 3; Santo André, 1; Bosque da Saúde, da Capital, 4; Tatuapé, da Capital 5; Liga da Capital, 1; Casa Verde da Capital, 1; Lapa, da Capital, 10; São Paulo, Capital, 9; Penha, da Capital, 9.

Zona 5 — Dia 15 de Abril na sede do C. E. Barsanulfo na cidade de Ribeirão Preto, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 5 compreendendo as seguintes Mocidades:

Ribeirão Preto, 15; Franca, 3; Igarapava, 2; Barretos, 8; Jundiaí, 1; Araraquara, 1; Jaboticabal, 3; Rio Preto, 2; Campinas, 2; Santos, 1; Bebedouro, 6; Tupã, 1; Pinhal, 1; Santa Barbara do Oeste, 1; Mogi-Mirim, 1; São Joaquim da Barra, 1.

Além desses representantes de mocidades do nosso Estado a reunião contou com a presença de elementos de sociedades de Moços do Estado de Minas Gerais conforme segue: Uberlandia, 2; Passos, 1; Sacramento, 1; que prestaram sua colaboração demonstrando grande interesse pelo movimento juvenil de São Paulo.

Zona 2 — Dia 24 de Abril, na cidade de Mogi-Mirim, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 2, compreendendo as seguintes mocidades:

Mogi-Mirim, 15 representantes; Campinas, 3; Pinhal, 10; São João da Boa Vista 6; Itapira, 22.

Fazemos constar dêste relato a justificação enviada pelos moços de Casa Branca, que não podendo comparecer, hipotecaram seu apôio ao movimento em curso, remetendo expressiva missiva.

Zona 7 — Dia 1.º de Maio, na sede do C. E. Caridade e Fé, na cidade de Jaboticabal, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 7, compreendendo as seguintes Mocidades:

Jaboticabal, 18 representantes; Cantanduva, 19; Araraquara, 2; Matão, 7; Barretos, 2; Bebedouro, 2.

O Departamento das Mocidades da União Social Espírita que orienta êsse movimento, tem conseguido os seus objetivos colimados nessas reuniões prévias, espera assim dentro em breve solucionar os dois magnos problemas das sociedades de moços: unificação e organização interna.



Gesto digno de imitação

A Câmara Municipal de São José do Rio Preto, demonstrando espírito de compreensão e justiça, acaba de conceder auxílios a duas sociedades de caracter filantrópico: Cr. \$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para a construção do Hospital para doentes mentais «Dr. Bezerra de Menezes», patrocinada pela Associação de Beneficência «Espírito Consolador» e Cr. \$ 50.000,00 (cinecenta mil cruzeiros) à União Feminina de São José do Rio Preto, para a construção de uma crèche nessa cidade.

Se as Câmaras Municipais e os Governos imitarem êsse gesto de pura fraternidade cristã, os doentes mentais não serão jogados nos porões das cadeias e os necessitados, doentes, velhos e crianças, encontrarão amparo, acabando com o triste espetáculo proporcionado pela miséria, atestado frisante da má atuação dos Governantes das nações.

A tarefa daqueles que se propuserem a trabalhar na seára espírita deve ter por base a prática e a prègação do Evangelho, sem o que não poderão fazer jús ao salário divino. Que o vosso trabalho se oriente no sentido de engrandecer a doutrina, sem personalismo e orgulho, afim de que vos torneis dignos das atenções do Alto. — CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 35,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— " "	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

